

História de São Caetano do Sul no Currículo Municipal: Contribuições da História Local para o Ensino de História na Educação Básica

Lia Fernanda SILVA¹

Resumo: O presente artigo analisa as contribuições da História Local para o ensino de História na Educação Básica, a partir de uma reflexão desenvolvida no âmbito de um curso de formação docente realizado na rede municipal de São Caetano do Sul. Fundamentado nas categorias memória, identidade e território, o estudo problematiza as disputas narrativas que constituem a historicidade do município, evidenciando os processos de silenciamento e apagamento de determinados sujeitos históricos na construção da memória coletiva local. Amparado em estudos historiográficos, sociológicos e memorialísticos, bem como no uso da História Oral como fonte e metodologia de ensino, o artigo discute os limites das abordagens tradicionais da história municipal e aponta possibilidades pedagógicas alinhadas a uma concepção crítica de ensino de História. Ao dialogar com o Currículo Municipal e com os princípios da Educação das Relações Étnico-Raciais, a pesquisa destaca os desafios e as potencialidades da História Local como campo epistemológico capaz de ampliar o repertório intelectual e didático-metodológico dos docentes, contribuindo para a formação de uma consciência histórica crítica e plural na Educação Básica.

Palavras-chave: Ensino de História, História Local, Currículo.

¹ Mestranda em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Graduada em Pedagogia e História pela Universidade do Grande ABC (UNIABC). Docente da rede municipal de Educação. São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4244-8045>. E-mail: lia.fernanda@ufabc.edu.br.

History of São Caetano do Sul in the Municipal Curriculum: Contributions of Local History to the Teaching of History in Basic Education

Abstract: This article analyzes the contributions of Local History to the teaching of History in Basic Education, based on reflections developed within a teacher training course conducted in the municipal education network of São Caetano do Sul. Grounded in the analytical categories of memory, identity, and territory, the study problematizes the narrative disputes that shape the municipality's historicity, highlighting processes of silencing and erasure of certain historical subjects in the construction of local collective memory. Supported by historiographical, sociological, and memorial studies, as well as by the use of Oral History as both a source and a teaching methodology, the article discusses the limitations of traditional approaches to municipal history and points to pedagogical possibilities aligned with a critical conception of History teaching. In dialogue with the Municipal Curriculum and the principles of Ethnic-Racial Relations Education, the study emphasizes the challenges and potential of Local History as an epistemological field capable of expanding teachers' intellectual and didactic-methodological repertoires, contributing to the development of a critical and plural historical consciousness in Basic Education.

Keywords: History Teaching, Local History, Curriculum.

Introdução

O objetivo geral deste artigo é refletir sobre as contribuições da História Local para o ensino de História na Educação Básica. Entre os objetivos específicos, propõe-se debater as categorias memória, identidade e território, considerando as representações discursivas presentes nas fontes históricas disponíveis na Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul². Tais categorias revelam-se indispensáveis, primeiramente, por atravessarem o processo de constituição identitária do município e, em segundo lugar, por orientarem a compreensão das lacunas identificadas pelos docentes no que se refere aos materiais didáticos e à ausência de propostas pedagógicas sistematizadas para o ensino da história local, conforme previsto no currículo.

Não coincidentemente, o tema deste texto emergiu como decorrência imediata do curso de formação *História Local: cultura histórica, memória, identidade e usos do passado no ensino de História*, ministrado por mim na condição de Professora Formadora de História, no Centro de Capacitação dos Profissionais da Educação Zilda Arns (CECAPE), da Secretaria Municipal de Educação de São Caetano do Sul, ao longo do ano de 2025.

Compreender a construção histórica do município, suas narrativas convergentes e divergentes, a memória coletiva e as chamadas memórias subterrâneas (Pollak, 1989), silenciadas, apagadas ou sobrepostas, é central para fundamentar outras narrativas históricas oriundas de memórias oralizadas por sujeitos que vivem no território. Essas narrativas incorporam elementos que complementam e ampliam a historicidade local, tensionando versões hegemônicas do passado.

Nesse contexto, a História Oral foi utilizada no curso como fonte histórica³ e recurso metodológico para o ensino. Ao serem investigadas, essas fontes possibilitam o

² A Fundação Pró-Memória é um órgão público municipal que reúne um acervo documental e histórico da cidade. Possui documentos oficiais, fotografias, jornais, revistas e referências bibliográficas. A consulta presencial aos documentos é aberta ao público e há um acervo digital em que se pode baixar pesquisas publicadas e revistas com artigos e memórias fotográficas. Ademais, a Fundação ministra cursos e projetos voltados à preservação da memória e do patrimônio histórico-cultural da cidade.

³ Como fonte histórica e recurso metodológico foram usados dois documentários produzidos pelo Coletivo Mapaxilo. O primeiro, *Aquém da Fundação: outras matizes de São Caetano* foi construído por docentes pesquisadores e estudantes da EJA na unidade escolar municipal EMEF Professor Vicente Bastos - neste registro, foram entrevistados alunos, moradores antigos da cidade, entre eles professores, historiadores e religiosos. O segundo, *Visões de Tijucussu* é um projeto documental audiovisual sobre as histórias e memórias em risco de apagamento na cidade de São Caetano do Sul foi feito em duas fases de

acesso às histórias vividas em contextos históricos específicos e, assim, revelam outros pontos de vista sobre acontecimentos significativos, confrontam narrativas globalizantes que cristalizam memórias e identidades e/ou complementam fontes documentais que não lograram traduzir determinadas conjunturas históricas.

Na perspectiva do ensino, o uso da História Oral pode ser compreendido a partir da definição proposta por Jorge Eduardo Aceves Lozano, no livro *Prática e estilos de pesquisa oral contemporânea*:

A história oral poderia distinguir-se como um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer história oral, significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros” (Lozano, 2006, p. 17).

Para tanto, inicialmente será apresentada uma breve contextualização acerca da disputa em torno da memória e da identidade na história do município, evidenciada tanto nas narrativas que compõem o imaginário da população sancaetanense mais velha quanto nas histórias orais de sujeitos que vivem o território, bem como em autores que integram uma historiografia fundamentada em pesquisas e documentação história.

Ao apresentar as especificidades da história de São Caetano do Sul, busca-se justificar a defesa central deste texto: a relevância da História Local como campo privilegiado de reflexão e para o ensino de História.

O embasamento teórico do artigo apoia-se em estudos historiográficos, sociológicos e memorialísticos de autores como José de Souza Martins, especialmente em sua obra *Subúrbio: vida cotidiana e história do subúrbio da cidade de São Paulo – São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*; Cristina Toledo de Carvalho, com a tese *Príncipe dos Municípios: a invenção da identidade de São Caetano do Sul (1948–1957)*; Luiz Gonzaga Piratininga Júnior, autor de *Dietário dos escravos de São Bento, estudo de reconstrução genealógica e histórica sobre os sujeitos escravizados da Fazenda São Caetano*; e Ademir Médici, em *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. Ressalta-se que a escolha desses autores dialoga com inquietações e contraposições relativas à forma como a história do

pesquisa, sendo a primeira fomentada pela Lei Paulo Gustavo e a segunda em parceria com o Sesc São Caetano.

município foi contemplada nos conteúdos escolares da rede municipal, desde as orientações curriculares até a publicação do Currículo Municipal.

O segundo momento do artigo dedica-se à apresentação da problemática relacionada à obrigatoriedade do ensino da história de São Caetano do Sul no currículo e ao repertório histórico e metodológico mobilizado para o ensino de História. Tal problemática emerge, sobretudo, dos questionamentos do corpo docente acerca do marco histórico eleito para a formação do município, frequentemente fixado, de modo intencional, no imaginário coletivo a partir da chegada dos imigrantes italianos ao núcleo colonial, no final do século XIX, em detrimento do processo de autonomia política que transforma São Caetano do Sul em município em 1948. Soma-se a isso o apagamento de sujeitos históricos que já ocupavam o território, tanto fora quanto dentro da fazenda beneditina: antes de ser município autônomo, São Caetano pertenceu à ordem beneditina no período de 1867 a 1877. Nesta conjuntura fazia parte de São Paulo, transformando-se em um subúrbio paulista. Ainda no século XX, foi distrito de São Bernardo do Campo e, posteriormente, de Santo André.

A historiadora Cristina Toledo de Carvalho, atuante na Fundação Pró-Memória e responsável por importantes pesquisas historiográficas sobre a cidade, analisa em sua tese a construção de uma identidade e de uma memória triunfalista em torno da historicidade local:

Em 1927, por ocasião das comemorações do cinquentenário da inauguração de tal núcleo, a nascente elite industrial da localidade, então um distrito de São Bernardo, produziu, por meio dos eventos promovidos, uma memória triunfalista a respeito do grupo pioneiro de italianos daquele núcleo [...] Contemplada em uma narrativa heroica centrada na aclamação dos feitos e esforços dos primeiros imigrantes, a referida memória sinaliza para questões que perscrutam os processos de constituição memorialística como um todo, alinhavados, dialeticamente, por intencionalidades e interesses de grupos sociais que revelam e ocultam, enaltecem e excluem determinados agentes históricos dos enunciados evocativos do passado de uma cidade, região ou país (Carvalho, 2022, p. 82).

A narrativa histórica elaborada constituiu a ideia de protagonismo desse grupo europeu no desenvolvimento local, atribuindo-lhe toda a glória do progresso e, mais do que isso, uma construção imagética que teve como objetivo privilegiar determinado grupo, contribuindo para o silenciamento de memórias e histórias de outros núcleos que

já formavam uma comunidade no território, compartilhavam costumes e desenvolviam atividades econômicas e culturais.

No que se refere ao ensino da história do município, cabe destacar que, anteriormente à elaboração do currículo, as orientações curriculares apoiaram-se majoritariamente nessa abordagem histórica, seja por uma compreensão restrita da concepção de História Local, seja pela ausência de uma análise crítica dos materiais didáticos disponibilizados. Ademais, a obrigatoriedade do ensino da história de São Caetano do Sul, restringia-se ao terceiro ano do Ensino Fundamental – anos iniciais –, tratando, tradicionalmente, a história do município como espaço de exaltação de sujeitos heroificados, datas comemorativas e narrativas celebratórias.

Em relação ao Currículo Municipal⁴, torna-se relevante mencionar o processo de elaboração do documento, destacando que a concepção de ensino de História adotada pela rede municipal de São Caetano do Sul alinha-se a princípios educacionais como equidade, integralidade, inclusão e territorialidade. Tais princípios sustentam os âmbitos da educação municipal explicitados no documento, como a Gestão Democrática, a Educação para as Relações Étnico-Raciais, as Relações de Gênero, a Educação Integral, a Convivência Ética, a Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

A História Local como abordagem metodológica para o ensino de História teve três motivos: primeiro a História Local como análise historiográfica que permitiu compreender as relações políticas e culturais do espaço social, desvelando histórias que passaram por processos de apagamento e que em determinado período histórico contribuíram com conjunturas sociais mais amplas. Segundo, a História Local como campo científico, que viabilizou a desconstrução da ideia de um mito fundador e de heróis protagonistas como única narrativa e, terceiro e não menos importante, a obrigatoriedade do ensino de história da cidade no currículo municipal.

Para este artigo, será conferida ênfase à Educação das Relações Étnico-Raciais, em diálogo direto com a proposta do curso de História Local, concebido a partir de uma perspectiva inclusiva, pluriétnica e pluricultural. A intenção consiste em articular o

⁴ O município possui um currículo próprio, elaborado com o corpo docente da rede municipal de educação. Disponível em <https://sites.google.com/scseduca.com.br/curriculoscs>, acesso em 07/04/2026.

ensino de História Local aos princípios educacionais mencionados, com destaque para as relações étnico-raciais. Ressalta-se, ainda, que a elaboração do Currículo Municipal contou com a participação de docentes e formadores da rede, sendo amplamente debatida entre os pares, com o objetivo de assegurar alinhamento com a realidade dos estudantes e com a perspectiva de uma educação integral e equânime.

Conforme explicitado no documento curricular:

Tendo a equidade como um de seus princípios, a educação municipal de São Caetano do Sul reconhece o papel da educação na reinvenção da vida em sociedade, em particular no que tange às relações étnico-raciais, ao tratar com os diferentes sujeitos da experiência educacional da relação entre negros, pardos e brancos, sobre a diversidade de modos de ser e viver e do cultivo do respeito à vida de todos os humanos (São Caetano do Sul, 2024, p. 28).

Por fim, após a apresentação da problemática e do conjunto de questionamentos que orbitam o ensino da História Local no município, será realizado um relato sobre a estruturação do curso de formação e seus primeiros resultados no que concerne aos objetivos propostos para os docentes. Essa etapa constitui o eixo central da reflexão, ao evidenciar os desafios e as possibilidades do uso da História Local no ensino de História.

Em resumo, a organização do artigo compreende um primeiro momento de contextualização da historiografia local, seguida por exposição das reflexões suscitadas no curso de História Local em articulação com o currículo e, por fim, a uma apresentação dos resultados iniciais da formação. Na fase final, será privilegiado um diálogo com os desafios e as potencialidades das metodologias adotadas, o arcabouço teórico da historiografia local e a incorporação de outras epistemologias, com vistas à ampliação do repertório intelectual e didático-metodológico dos docentes.

Espera-se que, ao debruçar-se sobre esta leitura, docentes do componente curricular de História, pesquisadores da área e demais interessados reconheçam os sentidos produzidos pela História Local, capazes de viabilizar a produção de conhecimento histórico e a aprendizagem histórica na Educação Básica.

História e Memória do Tijucuçu

A história de São Caetano do Sul pode ser abordada a partir de diferentes perspectivas historiográficas: seja por uma narrativa colonial eurocentrada, alinhada à história local tradicional e ao culto aos vencedores, seja por uma leitura crítica que, ao confrontar as fontes históricas em suas múltiplas formas de registro, possibilite a construção de novas narrativas orientadas por outras perguntas históricas. No âmbito do ensino, essa segunda perspectiva favorece a elaboração de epistemologias ancoradas em metodologias do ensino de História vinculadas à História Cultural.

O percurso adotado nesta breve abordagem histórica de São Caetano do Sul tem início na categoria *território*, seguida da análise da etimologia do termo *Tijucuçu* - denominação que abarca o atual município de São Caetano do Sul e áreas adjacentes - configura-se como um território cuja memória se fixa no período colonial, especialmente nos primórdios da vila de Piratininga, no contexto da invasão portuguesa. Tratava-se de uma região marcada por trilhas indígenas, entre elas a conexão com o conhecido Caminho do Peabiru⁵ e outras rotas ancestrais, além de constituir um espaço estratégico de ligação com o litoral, fundamental para o escoamento da produção realizada por populações escravizadas em direção ao porto de Santos.

No que se refere à formação populacional inicial, há pesquisas e documentos que apontam a presença de populações indígenas no território. O registro do topônimo Tijucuçu em documentos quinhentistas da Câmara de São Paulo - conforme pesquisa realizada por José de Souza Martins em seu livro *São Caetano do Sul em quatro séculos* - permite inferir a existência de contatos entre essas populações originárias e os europeus no processo de colonização da região.

Localizado entre rios, Tijucuçu é interpretado, em sua acepção mais recorrente entre pesquisadores, como “grande lamaçal”, significado que remete às características hidrográficas do território que hoje corresponde a São Caetano do Sul. Até a década de 1990 do século XX, a presença abundante de barro constituía um elemento marcante da

⁵ O Caminho do Peabiru é um conjunto de rotas ancestrais dos povos originários aberto antes da invasão europeia que atravessa o continente sulamericano, ligando Cusco, no Peru, ao litoral sul e sudeste brasileiro, terminando em São Vicente, município de São Paulo. No período das invasões, foi utilizado pelos europeus na busca de riquezas e de incursões no interior dos territórios invadidos. Por ser um caminho não linear, conecta-se a algumas cidades do estado de São Paulo, dentre elas a capital e às cidades do ABC Paulista.

paisagem local, aspecto reiterado tanto por registros documentais quanto por memórias compartilhadas pela população.

Segundo Pero de Castilho, “lama, charco, atoleiro” seriam traduções possíveis para o termo tijuca, sendo Tujucaçu grafia igualmente recorrente em seu *Vocabulário da Língua Brasileira* (Martins, 1957, p. 31). As variações na grafia não invalidam o significado atribuído ao termo, uma vez que tupinólogos e gramáticos apresentam divergências quanto à padronização vocabular.

Para além dos documentos escritos, a História Oral desempenha papel central na compreensão dessa paisagem histórica. Depoimentos de moradores mais antigos fazem referência a áreas extensas de solo argiloso, especialmente na região do atual bairro Cerâmica, conhecida como “buracão da Cerâmica” ou “barreirão”, termos que evocam a presença de grandes áreas alagadiças e lamacentas. Tais narrativas corroboram e enriquecem a leitura historiográfica sobre o território.

Conforme destaca Alessandro Portelli, a História Oral permite acessar a historicidade das experiências individuais e coletivas, tensionando as fronteiras entre espaço público e privado e ampliando as possibilidades de interpretação histórica (Portelli, 2016). Nesse sentido, o barro não se configura apenas como elemento natural, mas como componente fundamental da atividade econômica local ao longo de séculos, desde a produção artesanal de telhas e tijolos no período da fazenda beneditina até a consolidação da indústria cerâmica como uma das principais atividades econômicas do município: “[...] a história oral nos oferece acesso à historicidade das vidas privadas - mas, mais importante ainda, ela nos força a redefinir nossas noções preconcebidas sobre a geografia do espaço público e do espaço privado, e do relacionamento entre eles” (Portelli, 2016, p. 17).

É relevante destacar, nesse contexto, a relação estabelecida pelos beneditinos com as populações submetidas à sua tutela, compostas a partir do século XVII por indígenas administrados e africanos escravizados. A produção de telhas e tijolos, bem como as técnicas agrícolas e de manejo do solo, apoiaram-se em saberes indígenas e africanos, frequentemente invisibilizados pela historiografia tradicional.

Sobre a produção cerâmica e o uso da mão de obra escravizada na fazenda beneditina, José de Souza Martins observa que o transporte dos materiais era realizado

por meio de embarcações que percorriam o rio Tamanduateí até o Porto Geral, na atual região da rua Vinte e Cinco de Março, em São Paulo. Segundo o autor, a fábrica funcionou até a segunda metade do século XIX e chegou a empregar 107 pessoas escravizadas, número expressivo para o tipo de propriedade (Martins, 1957, p. 83).

É no bojo da escravização de indígenas e africanos que a história de São Caetano do Sul torna-se parte fundamental para a historiografia sobre a fundação de São Paulo e traça uma linha complementar para os estudos históricos do local desde a transição do período da fazenda São Caetano à formação do subúrbio, com sua transformação do rural para os espaços fabris.

A história de São Caetano do Sul, portanto, insere-se de modo significativo na historiografia sobre a formação de São Paulo, especialmente ao influir nos processos de transição da fazenda beneditina para o Núcleo Colonial e, posteriormente, para o subúrbio industrial. Essa transição revela um imaginário social marcado pela valorização do imigrante europeu como sujeito inovador, em oposição à desqualificação das populações escravizadas e camponesas, percepção amplamente difundida entre as elites do período (Martins, 1992).

Nesse sentido, a relevância de como se deu a transição da ocupação na fazenda beneditina para por imigrantes italianos revela muito sobre o imaginário da época.

[...] No mesmo espaço em que o escravo e o caipira supostamente não produziam senão modesta economia de subsistência, baseada numa agricultura rotineira e arcaica, o imigrante introduziria a renovação dos produtos e dos métodos agrícolas. Essa era uma concepção disseminada entre os membros das elites de então, [...] cujo pensamento era influenciado pelas ideias iluministas [...] de progresso difundidas na Revolução Francesa (Martins, 1992, p. 127).

A criação do Núcleo Colonial São Caetano, após a desapropriação da fazenda beneditina pelo governo imperial, inseriu-se em um projeto mais amplo de colonização agrícola, formação de mão de obra e implementação da política de branqueamento da população brasileira. Os imigrantes italianos, que chegaram à região a partir de 1877, ocuparam lotes da antiga fazenda com a promessa de acesso à terra e melhores condições de vida. Contudo, enfrentaram altas taxas de mortalidade, dificuldades no cultivo do solo e, posteriormente, os impactos da especulação imobiliária e da industrialização, intensificados com a implementação da ferrovia.

Apesar dessas adversidades, a narrativa histórica local consagrou o núcleo colonial como marco fundador do progresso municipal, forjando uma memória triunfalista que se sobrepôs às experiências anteriores de trabalho agrícola e manufatureiro desenvolvidas por indígenas e africanos escravizados. Tal construção imagética atende a interesses ideológicos específicos e foi reforçada em eventos comemorativos, como o cinquentenário do Núcleo Colonial, em 1927, em um contexto de ascensão do fascismo na Itália, conforme analisa Martins (1992).

[...] a placa foi feita em 1927, ano do cinquentenário da fundação do núcleo colonial [...] Mas, em 1927, o fascismo estava em ascensão na Itália e foi na perspectiva de uma mentalidade fascista e triunfalista, na perspectiva do poder e do progresso, que o aniversário de São Caetano foi noticiado nos jornais da Itália e nos jornais italianos no Brasil (Martins, 1992, p. 26).

Ao situar essa breve análise histórica, busca-se evidenciar o contexto no qual emergem os questionamentos acerca do ensino tradicional da história de São Caetano do Sul. A centralidade atribuída à narrativa do progresso e do mito fundador revela os limites das abordagens historicamente adotadas e reforça a necessidade de práticas pedagógicas que incorporem múltiplas fontes, metodologias e epistemologias. Nesse sentido, a História Local, articulada à História Oral e à crítica historiográfica, apresenta-se como um campo fecundo para a construção de um ensino de História comprometido com a pluralidade, a justiça social e a formação de uma consciência histórica crítica.

Nem tudo veio do italiano⁶

O crescente questionamento acerca da história de São Caetano do Sul durante as formações no CECAPÉ por parte do corpo docente da rede municipal de ensino tem provocado alterações significativas nas escolhas metodológicas e nas discussões pedagógicas desenvolvidas nas unidades escolares. Esse movimento teve início a partir da iniciativa de professores e professoras comprometidos com uma aprendizagem histórica orientada à formação de uma consciência histórica crítica, na qual os estudantes sejam incentivados a construir uma atitude historiadora, reconhecendo-se

⁶ Embora seja inspirado no livro de Carlos José Ferreira dos Santos, em seu livro *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1915*, esta expressão é bastante verbalizada pelos moradores do bairro São José, onde realizaram trabalhos de pesquisas com os estudantes da extinta EJA na EMEF Professor Vicente Bastos. O bairro concentra grande parte da população negra e nordestina da cidade de São Caetano do Sul.

como sujeitos históricos inseridos na historicidade local e nos processos mais amplos da sociedade em que vivem.

Figura 1 - Muro pintado por artistas locais e estudantes da EJA da EMEF Professor Vicente Bastos em trabalho de pesquisa com os docentes



Fonte: Acervo (didático) do curso - produzido pela autora (2025)

O Currículo Municipal de História enfatiza a centralidade da consciência histórica na formação dos estudantes, conforme explicita:

O estudante constrói a consciência histórica quando interpreta o mundo por meio das suas ações e de acordo com sua cultura. Assim, ele compreende as diversas narrativas históricas e o que estas representam em sua vida. O ensino de História deve produzir sentidos, promover pensamento crítico aos estudantes que permitam estabelecer uma justificativa em relação à sua vida e ao tempo presente (São Caetano do Sul, 2020, p. 1071).

Apesar desse alinhamento conceitual, outras preocupações emergiram no cotidiano escolar, sobretudo relacionadas à escassez de recursos didático-metodológicos voltados à aprendizagem histórica. Tais inquietações foram frequentemente

verbalizadas por docentes pedagogos que, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, assumem a responsabilidade pelo ensino de todos os componentes curriculares, sem formação específica na área.

A obrigatoriedade do ensino da história de São Caetano do Sul, prescrita no Currículo Municipal, constitui, por sua vez, um pressuposto que dialoga diretamente com a necessidade de elaboração de metodologias específicas, difusão do conhecimento local e produção de materiais didático-metodológicos que ampliem o repertório historiográfico dos docentes. Contudo, as dúvidas e angústias concentravam-se, sobretudo, no campo do *como fazer*: como ensinar a história do município para além das narrativas cristalizadas e das abordagens celebratórias.

Ao refletir sobre novas possibilidades para o ensino de História Local, tornou-se imprescindível compreender o processo de construção imagética da memória histórica e da identidade do município, que durante um longo período se consolidou como história oficial, não apenas na subjetividade da população sancaetanense, mas também na formação escolar, por meio das orientações curriculares e das práticas pedagógicas nelas fundamentadas.

Cabe destacar que, ao longo do século XX — especialmente entre as primeiras décadas e meados da década de 1990 — o município abrigou importantes parques industriais, como as Indústrias Reunidas Matarazzo e a Fábrica Cerâmica. Esse processo industrial impulsionou intensos fluxos migratórios, inicialmente de famílias oriundas do interior de São Paulo e de Minas Gerais, intensificados a partir da década de 1950 com a chegada de migrantes nordestinos. É nesse contexto pluriétnico que São Caetano do Sul construiu suas bases econômicas, sociais e políticas, aspecto frequentemente secundarizado nas narrativas históricas hegemônicas sobre a cidade.

Esse cenário revelou-se fundamental para a elaboração do programa do curso de formação, uma vez que os questionamentos acerca do mito fundador — centrado na imigração italiana — e dos apagamentos de outras narrativas e memórias foram se tornando cada vez mais evidentes entre os docentes. Importa salientar que o curso não teve como objetivo dicotomizar ou substituir a memória tradicional por uma suposta memória dos “marginalizados”, mas, antes, incentivar a construção de uma consciência capaz de problematizar uma história apresentada como pronta e finalizada. Buscou-se,

assim, valorizar a subjetividade dos sujeitos e compreender a história como um *continuum*, no qual passado e presente se articulam no tecido social.

Nesse processo formativo, avançou-se na reflexão sobre as lacunas da formação histórica local a partir do diálogo com pesquisas que revelam outras nuances da historicidade do município e de seu entorno. Tais estudos possibilitaram problematizar narrativas anteriores à chegada dos colonos italianos à Fazenda São Caetano, no final do século XIX, bem como questionar as escolhas historiográficas que privilegiaram determinados sujeitos — como os padres beneditinos — em detrimento de outros grupos sociais que participaram da formação da cidade.

Por conseguinte, os objetivos do curso pautaram-se numa proposta que acolhesse as especificidades das categorias de docentes - um grupo heterogêneo formado por professores pedagogos (anos iniciais), professores especialistas da área de Humanidades (História e Geografia) e professores de Arte.

Considerando as características da turma, o programa do curso estruturou-se em três Eixos: Teoria, que abrangeu o ofício do historiador, conceitos no campo da História e o ensino de história; Metodologia, que trabalhou a transposição didática da História Local; Epistemologia, que constituiu a *práxis* pedagógica no campo da ciência histórica, a construção de novos materiais didáticos e a escolha de metodologias para a ensinagem histórica através do estudo com as fontes históricas de diferentes abordagens, disponíveis na historiografia local, como pesquisas publicadas com História Oral, periódicos e documentos encontrados na Fundação Pró-Memória. Ainda se tratando das escolhas teóricas e metodológicas, as categorias *memória*, *identidade* e *território* não somente abriram os trabalhos no curso, como foram objeto constante de reflexão nas propostas formativas, nos diálogos entre os docentes e, principalmente, na conexão com os recursos didáticos apresentados no programa do curso.

A imagem abaixo é uma amostragem de como os recursos acessíveis na escola colaboram com a transposição didática da História Local para o ensino de história na Educação Básica e, sobretudo, possibilitam trabalhar conceitos complexos, como *território*, de forma pedagógica.

Figura 2 - Cartografia: Conhecer o território a partir de conhecimentos prévios



Fonte: Autora (2025)

A fotografia é um recurso visual que atravessa a temporalidade, e por isso apresenta inesgotáveis possibilidades para abordar o território como fonte histórica, marcador de memória, registro da transformação do espaço físico e mapeamento de monumentos inseridos na paisagem urbana. A partir desta abordagem, ela pode se desdobrar numa reflexão sobre a representação da memória e da identidade de um determinado patrimônio material ou imaterial e os possíveis apagamentos históricos: quais festas fazem parte do calendário da cidade como patrimônio cultural, quais sujeitos são representados nas estátuas, monumentos e placas de homenagem espalhados pela cidade?

A História Oral utilizada como fonte pode contribuir para as experiências didático-metodológicas no ensino de História, uma vez que possibilita os estudantes a produzirem conhecimento, através do pensamento crítico frente às narrativas analisadas. Selva Guimarães Fonseca, em seu artigo *História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História*, sintetiza a importância desse diálogo entre História Local e História Oral:

[...] A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de, juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros. A escola e as aulas de História são lugares de memória, da história recente, imediata e distante (Fonseca, 2006, p. 132).

Em suma, todos os recursos apresentados aos docentes tiveram como intenção estimulá-los a elaborar suas atividades de História com autonomia, com conhecimento científico, com referências metodológicas ancoradas nos estudos étnico-raciais e, não menos importante, no olhar interdisciplinar que a História Local demanda. Com formato híbrido, o curso teve quarenta e duas horas com encontros presenciais mensais, sala de aula virtual⁷ e uma caminhada histórica para fechamento das atividades propostas no programa.

O ponto máximo desta reflexão foi transposto em forma de relato. No término desse módulo, procuramos saber se o curso trouxe contribuições ao trabalho em sala de aula. Se houve mudança na perspectiva de trabalhar a história do município.

Considerando a constante devolutiva dos docentes durante o curso, questionou-se, para além da avaliação sobre o programa, suas contribuições e sugestões, se as respostas serviram para reflexão sobre a continuidade desse curso, ampliação do acesso a outras categorias de docentes, e para pensar a interdisciplinaridade que atravessa todo o percurso de ensino de História.

Em vista disso, foi encaminhado um formulário para a avaliação do curso que tentou traduzir os questionamentos iniciais do corpo docente em relação à história da cidade, à escassez de materiais e a falta de aprofundamento na teoria e na concepção de História Local. A imagem abaixo ilustra os primeiros resultados que dialogam diretamente com os dados coletados antes da elaboração da proposta do curso.

Figura 3 - Formulário de avaliação do curso

⁷ O ambiente virtual funcionou com a finalidade de comunicação, submissão de atividades escritas solicitadas durante o curso e postagem do acervo dos materiais utilizados nas aulas presenciais, contribuindo para a ampliação do repertório teórico e metodológico, para o compartilhamento e divulgação aos outros docentes nas unidades escolares. Muitos docentes possuem a jornada máxima de aulas e acúmulo de cargos, afetando sua participação nos cursos do CECAPE que são ministrados à noite. Portanto, a sala de aula virtual é uma importante ferramenta de divulgação dos materiais e lugar de trocas entre o corpo docente e formadores por estar disponível aos professores que não puderam fazer o curso.

O que o curso trouxe em relação aos conhecimentos sobre a História de São Caetano do Sul que você sabia e não sabia?

21 respostas

Gostei de estudar sobre as mudanças arquitetônicas ocorridas em SCS que vendiam a ideia de desenvolvimento, mas que empobreceu culturalmente a cidade.

CURIOSIDADES SOBRE OS MONUMENTOS HISTÓRICOS, POR EXEMPLO.

O curso trouxe uma nova visão sobre a história de São Caetano do Sul. Antes, eu conhecia apenas a versão relacionada aos colonizadores italianos e tinha apenas uma noção superficial sobre outros povos que também fizeram parte da formação da cidade. Agora, compreendo melhor a diversidade de histórias e contextos que contribuíram para a construção do município, ampliando meu olhar sobre a história local.

Trouxe muitos fatos e personalidades que não são tratadas na História "oficial" geralmente ensinada sobre o município.

A história de São Caetano é discutida nos 3º anos, porém não há material disponível para trabalharmos com os estudantes. No curso foi apresentado alguns materiais e até mesmo maneiras de se trabalhar com os estudantes.

O curso agregou muito em minhas aulas, principalmente sobre a história de alguns bairros e suas divisas.

Fonte: CECAPE - Produzido pela autora (2025)

Vê-se na imagem algumas respostas que são relevantes à nossa reflexão, pois estão relacionadas com os desafios e questionamentos que os professores apontaram anteriormente, sobretudo acerca de recursos didáticos, materiais teóricos e conhecimento teórico e embasamento para formulação da prática em sala de aula. O uso da História Local como abordagem na aprendizagem histórica, amplia as reflexões, sobretudo, na compreensão dos processos de construção de narrativas históricas, de formação de memória e identidade e promove pensamento crítico.

Nesse sentido, outro ponto que merece atenção nas respostas acima é como a ideia de italianidade como origem social e cultural, no caso de São Caetano do Sul, contribuiu com o apagamento histórico de sujeitos que fizeram parte da formação do município. Portanto, ao problematizar a narrativa oficializada questionando sob um olhar crítico, de análise, que observa, compara, que busca outras fontes é uma postura que os docentes devem assumir ao elaborar seus planos de ensino no campo da História.

Considerações Finais

As reflexões desenvolvidas neste artigo destacaram a História Local como um campo potente para o ensino de História na Educação Básica, especialmente quando

abordada de forma crítica e articulada às categorias *memória, identidade e território*. A experiência formativa realizada com docentes da rede municipal de São Caetano do Sul demonstrou que o ensino da história do município pode ultrapassar abordagens globalizantes e descritivas, configurando-se como espaço de produção de conhecimento e consciência históricos.

A análise da historiografia local e das narrativas que compõem o imaginário histórico do município revelou disputas em torno da memória e da identidade, marcadas por processos de silenciamento e apagamento de sujeitos históricos. A problematização da centralidade atribuída à imigração italiana permitiu tensionar versões hegemônicas do passado e ampliar as possibilidades de abordagem da história local no contexto escolar, em diálogo com os princípios da Educação das Relações Étnico-Raciais presentes no Currículo Municipal.

As reflexões sobre as relações étnico-raciais invocam a equidade e a democracia, pois é inegável a imposição europeia sobre os tantos modos de imaginar o mundo e a consequente naturalização de vivências assimétricas, degradantes, em especial, as que experimentaram os povos negros. Assim, a participação na construção da sociedade de modo digno, o reconhecimento pleno da humanidade de todos dependem da construção de relações democráticas e justas (São Caetano do Sul, 2024, p. 27).

Nesse sentido, o uso da História Oral, da fotografia, das revistas acessadas na Fundação Pró-Memória como fontes mostraram-se fundamentais para a incorporação de outras epistemologias e para a valorização de narrativas produzidas por sujeitos que vivem no território. Os resultados iniciais da formação indicam que a História Local, quando tratada de forma sistematizada e crítica, contribui para o fortalecimento do repertório historiográfico e didático-metodológico dos docentes, ao mesmo tempo em que tensiona práticas tradicionais ainda presentes no ensino da história do município. Contudo, reconhece-se que este estudo apresenta limites, seja pelo recorte da experiência analisada, seja pelo caráter inicial dos resultados apresentados, o que aponta para a necessidade de investigações futuras que aprofundem os impactos dessas práticas no cotidiano escolar e na aprendizagem histórica dos estudantes.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para o debate no campo do ensino de História, reafirmando a relevância da História Local como espaço de reflexão crítica, enfrentamento de silenciamentos e construção de conhecimento para práticas pedagógicas mais inclusivas na Educação Básica.

Referências

- AQUÉM DA FUNDAÇÃO: OUTRAS MATIZES DE SÃO CAETANO. [S.I]: *Tem em São Caetano*, 2018. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B5HvkMeQALM&t=38s>. Acesso em: 20 de jan. 2026.
- Alberti, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla B.(org.). *Fontes Históricas*. - 2ª ed. - São Paulo: Contexto, 2006, p. 155-202.
- Barros, José D'Assunção. História local e história regional – a historiografia do pequeno espaço. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 18, n. 2, p. 22-53, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2022.57694>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- Carvalho, Cristina Toledo de. *O Príncipe dos Municípios: A invenção da identidade de São Caetano do Sul*. 2022. Tese (Doutorado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2022.
- Fonseca, Selva Guimarães. História local e fontes históricas: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. *Revista História Oral*, v. 9, n. 1, p. 125-141, jan-jun. 2006.
- Lozano, José Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa oral contemporânea. In: Amado, J.; Ferreira, M. M., *Usos e abusos da História Oral*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 15-25.
- Martins, José de Souza. *São Caetano do Sul em IV séculos*. 1ª ed., São Caetano do Sul: Saraiva, 1957.
- Martins, José de Souza. *Subúrbio: Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano no fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: HUCITEC; São Caetano do Sul: Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992. -- (São Caetano do Sul. Série Histórica; 3).
- Médici, Ademir. *Migração e urbanização: a presença de São Caetano na região do ABC*. - São Paulo: HUCITEC, 1993.
- Meihy, José Carlos Sebe B.; Holanda, Fabíola. *História Oral: Como fazer, como pensar*. 2ª ed., 11ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2023.
- Piratininga Júnior, Luiz Gonzaga. *Dietário dos escravos de São Bento: originários de São Caetano e São Bernardo*, São Paulo: Editora HUCITEC, 1991.
- Pollak, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, junho. 1986.
- Portelli, Alessandro. *História oral como arte da escuta* [tradução Ricardo Santhiago]. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias).
- Santos, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1915*. 2ª Edição - São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003, 196 p.
- São Caetano do Sul. *Currículo Municipal de São Caetano do Sul*, 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/scseduca.com.br/curriculoscs>. Acesso em: 16 jan. 2026.
- VISÕES DE TIJUCUSSU. [S.I]: *Visões de Tijucussu - Mapa Xilográfico*, 2024. 20 vídeos. Disponível em: <http://www.youtube.com/@VisoesdeTijucussu>. Acesso em: 27 dez. 2025.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença Creative Commons Attribution - Non Commercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 17/02/2026
Aprovado em: 02/06/2026